



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

Apontamentos históricos sobre o telejornal Bom Dia Santa Catarina¹

MORAES, Áureo Mafra de (Mestrando)²

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

EMERIM, Cárilda (Doutora)³

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

HOMRICH, Lalo Nopes (Mestrando)⁴

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo: O artigo propõe-se apresentar uma parte da história de um dos telejornais mais tradicionais de Santa Catarina, o Bom Dia Santa Catarina, que iniciou suas transmissões em 1982. Além desta proposta de narrar um percurso histórico, propõe-se, também, analisar as mudanças no formato do programa a partir dos anos 80 até a atualidade, centrando o foco nos depoimentos de alguns dos realizadores. A proposta objetiva não só contribuir para o restabelecimento da história recente do telejornalismo no estado catarinense como também mapear características históricas e que possam fazer parte de uma identidade específica do telejornalismo catarinense. O artigo emprega uma articulação entre os modelos de entrevista advindos da História Oral e do Jornalismo para com as fontes e se permite a apresentar depoimentos e, através deles, poder refletir sobre o programa e suas mudanças.

Palavras-chave: Telejornalismo; História da Mídia; História Oral; Produção; Bom Dia Santa Catarina (RBS).

1. Introdução

La televisión construye una realidad informativa a partir de los hechos ocurridos en la sociedad. No inventa la realidad como en la ficción, sino que la interpreta con sus condicionantes, intereses y objetivos. Es algo que ocurre también en nuestra vida cotidiana. Cada uno de nosotros contamos lo que vemos según como somos. (HERREROS: Barcelona, 2007).

¹Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia, 2014.

² Jornalista, Mestrando em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina; (Professor Assistente do Departamento de Jornalismo, Coordenador do Curso de Graduação em Jornalismo da UFSC): aureo@cce.ufsc.br;

³ Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, professora e pesquisadora da graduação e pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, líder do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele/UFSC/CNPq), carlidaemerim@gmail.com;

⁴ Jornalista, Editor do RBS Notícias (RBS TV SC), Mestrando em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina; lalo.jornalismo@gmail.com;

Nos últimos anos, o desenvolvimento extraordinário das tecnologias que propiciam a produção do jornalismo em televisão tem potencializado o meio e, ao mesmo tempo, imposto a ele exigências e desafios cada vez mais complexos, muitos até distantes das possibilidades de sua própria natureza produtiva. Mas, se por um lado, busca-se esta intersecção com o aparato técnico disponível, por outro, por mais que a tecnologia esteja trazendo possibilidades, em termos de conteúdos, gêneros e formatos, ainda não se tem mudanças consideráveis ou muito relevantes. O resultado é um contexto de muitas críticas e desconfianças sobre o campo de atuação do telejornalismo, ou seja, do jornalismo de televisão, bem como se percebe também, pelo lado dos produtores dos noticiários, as dúvidas em reconhecer o seu espaço neste universo.

Em meio a este cenário, telejornais tradicionais e seus realizadores têm tentado se adequar às novas propostas narrativas e, nesta direção, parece extremamente relevante observar os percursos narrativos destes programas com o objetivo de compreender suas possibilidades e restrições, suas soluções e, até mesmo, a construção de sua própria identidade informativa em meio a este cenário de transformações. Para colaborar com esta investigação, o presente artigo assume a premissa de que o passado e o presente estabelecem uma relação intrínseca e que, se analisados com mais vagar, propõem perspectivas e ações efetivas para as produções futuras.

Especificamente, em relação aos estudos e pesquisas sobre a mídia televisiva, esta articulação entre passado e presente tem sido fundamental para se compreender como as práticas vigentes “são como são” bem como analisar, criticar e sugerir novos modos de produção, gerando processos inovadores (não só de produção como também de gestão e de conteúdo) para a televisão do presente e do futuro.

Nesta direção, a pesquisa histórica sobre a mídia televisão no Brasil⁵ tem sido uma ferramenta extraordinária, fundamentando e enriquecendo o conhecimento de estudiosos e produtores de televisão na medida em que não só dá a conhecer e

⁵ A Rede Alfredo de Carvalho, a ALCAR, tem contribuído sobremaneira, através de encontros regionais e nacionais bem como com a publicação e disponibilização de conteúdos reunidos nestas diferentes ações ao longo dos últimos 10 anos o que tem proporcionado a muitos pesquisadores as bases para a investigação em História da Mídia. O resultado deste movimento é o crescente número de pesquisadores interessados em restabelecer a história da imprensa no Brasil.

reconhecer os atos e pessoas que foram precursores neste tipo específico de produção (contribuindo para preservar a memória dos realizadores nacionais) como também potencializa a construção de novas possibilidades narrativas e discursivas pertinentes ao grande desafio de produzir jornalismo televisivo de qualidade.

Diante do exposto, o presente artigo escolheu apresentar uma parte de um estudo maior sobre os telejornais de Florianópolis, recortando o telejornal **Bom Dia Santa Catarina (BDSC)**, um dos programas de jornalismo mais tradicionais do estado catarinense, exibido pela Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV), de segunda a sexta-feira, nas primeiras horas da manhã, desde 1982.

O artigo segue tópicos de uma metodologia científica⁶ proposta pelos autores VASSALLO LOPES (2010), ALBERTI (2005), BRAGA, VASSALLO LOPES e MARTINO (2010), prevendo a segmentação em fases que considera as condições de produção de cada etapa propiciando o estabelecimento dos parâmetros de observação e análise bem como a observação direta que são, segundo VASSALLO LOPES (2010):

(...) a posição do investigador pode ser manipulada estrategicamente, com o propósito de proporcionar-lhe perspectivas mais favoráveis de obtenção de dados. Ela pode ser realizada mediante técnicas que vão desde o registro sistemático dos fatos que ocorrem na situação de pesquisa até as diversas modalidades de observação participante. (VASSALLO LOPES: 2010, p. 142 e 147).

O programa escolhido será observado a partir de algumas características produtivas (gênero e formato), apresentadores e temáticas abordadas, traçando como linha de condução da análise, as mudanças na cobertura política do programa ao longo de um período de 1987 até 2012. Também se recorreu a depoimentos de profissionais através de entrevistas (presenciais e por internet - escrita) que atuaram e/ou atuam no programa com vistas a contribuir com a própria preservação da memória dos realizadores da televisão catarinense bem como o acesso a materiais do Arquivo da Fundação Mauricio Sirotsky e da RBS TV Santa Catarina.

Mas, antes de imergir sobre o programa, é preciso contextualizar o próprio objeto de estudo, apresentando, nos próximos segmentos, a televisão e o telejornalismo

⁶ Esta mesma metodologia vêm sendo empregada na pesquisa de diferentes programas que estão em estudo como o *Jornal do Almoço* e o *RBS Notícias*, da mesma empresa.



no Brasil (no período estudado) e em Santa Catarina; um breve histórico do programa escolhido; características (vinheta, apresentação, temáticas, edição, formato) e, por fim, os resultados a que este estudo preliminar se detém, com vistas a poder melhor refletir sobre os aspectos da história de produção em telejornalismo em Santa Catarina, partindo do contexto da cobertura política.

2. Breve histórico sobre a Televisão e o Telejornalismo no Brasil e em Santa Catarina

A história da televisão no Brasil começa a ser oficialmente contada quando, mesmo com restritas possibilidades técnicas de produção, inaugura-se a primeira emissora, em 1950. Desta data em diante, o percurso da mídia tevê é marcado pelas inovações tecnológicas, os investimentos privados e os períodos políticos que obrigavam aos profissionais driblar condições de produção desfavoráveis e a censura sobre os conteúdos.

Do ponto de vista tecnológico, os primeiros anos eram muito trabalhosos com a filmagem, revelação e montagem dos materiais audiovisuais antes de serem exibidos e, portanto, o que se caracterizou (não por escolha, mas por condições técnicas) foi o AO VIVO, em tempo real. E, sem possibilidades de gravar ou arquivar as emissões. Para os telejornais, que precisavam noticiar os acontecimentos, informar situações que já haviam acontecido, era desafiador e constantemente defasado. Nos primeiros anos, a novidade da imagem em movimento fora da telona do cinema, num aparelho mais próximo do receptor, conseguiu amenizar o atraso da exibição dos fatos na programação televisiva. Assim, sem o videotape e sem contar com tecnologias que possibilitassem a edição das imagens de forma mais ágil, os telejornais se restringiam a uma versão com imagens do noticiário radiofônico, exibindo o apresentador, sentado atrás de uma mesa (bancada), lendo literalmente as notícias do dia, na maioria das vezes sem uma versão diferenciada da que já havia sido noticiada nas outras mídias. O imediatismo das imagens na televisão ainda não era explorado.

Nas décadas de 1960 e 1970 a televisão modifica seus modos produtivos passando a utilizar o videotape, a fita magnética para capturar as imagens ao invés de

filmes o que agilizou o processo de edição e finalização, pois era possível editar as imagens gravadas direto das fitas. Estas facilidades potencializaram os telejornais, que passam a produzir mais material, qualificando as reportagens com o aprofundamento das temáticas em especiais, passam também a relatar as notícias mais próximas da sua ocorrência real e, ainda, começam a descobrir possibilidades narrativas para o meio televisivo, experimentando propostas novas e diferenciadas fundadas na imagem televisiva (diferenciando-se das praticadas até então, pautadas pela lógica do documentário cinematográfico e pelos noticiários radiofônicos).

Nos anos 80 e 90, observamos um pleno desenvolvimento com o domínio das técnicas de AO VIVO e a paulatina reabertura política, a partir de 1984, possibilitando novas experimentações em termos de formatos, de temas a serem recobertos pelo telejornalismo bem como o surgimento e/ou fortalecimento de novas emissoras, diversificando o mercado de oferta de produtos.

Final dos anos 90 e a partir dos anos 2000, a popularização dos processos digitais e da internet impuseram um ritmo alucinante e a sociedade se vê literalmente bombardeada continuamente por informações advindas de diferentes fontes. Para o telejornalismo, este contexto implicou em queda de audiência e muitas críticas sobre os modelos de produção hegemônicos, o que, de certa forma, desestabilizou o sistema vigente e está em curso uma busca “frenética” sobre como trazer informações (que não mais são novas) de forma a interessar a sociedade.

Na produção televisiva brasileira dos últimos 60 anos, há um marco significativo que une as décadas de 1970 e 1980 e as separa dos anos 90 e 2000: a ditadura militar. Se por um lado o Golpe Militar de 1964 cerceou o pleno desenvolvimento do jornalismo de televisão (o que não ocorreu na produção ficcional televisiva) também o desafiou a buscar alternativas e possibilidades, potencializando os estudos sobre novas proposta e linguagens. Um estudo superficial por sobre autores que se debruçam a restabelecer a história da mídia televisão no Brasil, tais como MATTOS (2010), RIBEIRO, SACRAMENTO, ROXO (2010), MACHADO, BUCCI, LIMA SOBRINHO (1987) é possível afirmar que o período mais acirrado e violento dessa censura ocorreu durante o governo do General Emílio Garrastazú Médici, de 1969 até 1974, promovendo, com um grande aparato de repressão, o fechamento de diversos veículos de comunicação e a



perseguição a jornalistas que, não raras vezes, resultava em prisões, tortura e morte. Mas a radiodifusão, de modo geral, “interessava” ao governo na medida em que serviam aos propósitos da integração nacional (política de transmissão homogênea de informações) e nesta política, as emissoras de rádio e televisão distribuídas por várias regiões do país, poderiam ser o grande elo difusor do discurso do governo.

Numa direção, do ponto de vista tecnológico e de expansão geográfica (alcance), a televisão, principalmente, beneficiou-se e passou a ter uma ascendência por sobre as ações sociais. Porém, o mesmo não ocorreu com os produtos e a programação (pelo menos não em grande parte), como já foi explicitado, devido à censura e às limitações políticas.

2.1 Santa Catarina e Florianópolis

É exatamente no início da década de 1960 que começam os movimentos de implantação das emissoras de televisão em Santa Catarina que recorrem a duas etapas distintas: 1) quando funcionava com antenas repetidoras de programação de emissoras de fora do estado e, 2) quando passam a ter emissões próprias, com sinal e programação. MATTOS (1992) e PEREIRA (1992) afirmam que Flávio de Almeida Coelho implantou a primeira torre repetidora em Santa Catarina, instalada na década de 60, na cidade de Joinville, reproduzindo sons e imagens da *TV Paraná*. Araranguá e Tubarão também receberam torres na mesma época, mas transmitiam o sinal da emissora gaúcha *TV Piratini*, de Porto Alegre (MATTOS, 1992). Em Florianópolis, o empresário de Tubarão (SC), Hilário Silvestre, com recursos próprios, montou uma torre de retransmissão no terraço de um edifício no centro da cidade e, em dezembro de 1964, colocou no ar a *TV Florianópolis*, canal 11, com imagens do Arcebispo Metropolitano Dom Afonso Nihues em mensagem de Natal (PROPAGUE, s.d.). A transmissão podia ser recebida pelos moradores do centro da capital e parte do bairro Estreito, na área continental de Florianópolis. A *TV Florianópolis* veiculava quatro horas de programação diária, de segunda a sábado e, oito horas, aos domingos, intercalando atrações de estúdio com exibição de filmes em curta metragem ou de desenhos animados, segundo AMORIM (1984).



A TV abria sempre com um documentário (...). Logo após, por volta das 18h30m, entrava um noticiário. Seguia um outro filme e uma nova programação local, desta vez a apresentação de alguma bateria de escola de samba, entrevistas, shows musicais, de dança e revista. (...) Durante as noites um espaço estava sempre reservado às entrevistas com personalidades da ilha, “senhoras elegantes”, ou alguém de reconhecimento nacional em passagem pela cidade. (AMORIM, 1984, n.p.)

O pesquisador Moacir Pereira afirma que o primeiro telejornal de Florianópolis foi o *Tele-Notícias* (PEREIRA, 1992, p. 55), apresentado diariamente pelo experiente locutor de rádio, Edison Silveira (PRADA e REIS, 2009). A estrutura de produção seguia as possibilidades técnicas do período: repórteres de rua buscavam informações (sem captar imagens) e uniam a outras extraídas de jornais impressos e noticiários radiofônicos (nacionais e internacionais), buscavam ilustrações e/ou fotografias dos jornais e de fotógrafos da cidade e apresentavam um modelo de jornal falado: *uma câmera ficava nele, outra nas ilustrações, e essas imagens eram intercaladas através do trabalho de um cortador, ou switcher, que operava a mesa de corte* (AMORIM, 1984, n.p.). Em dezembro de 1964, antes do fechamento da emissora, foi lançado o edital de concorrência para a abertura do primeiro canal de TV da cidade, tendo sido a *TV Florianópolis* desclassificada, a cidade de Florianópolis só voltaria a ter uma emissora de televisão seis anos depois, em 31 de maio de 1970, quando a Sociedade Pró-Desenvolvimento da TV colocava no ar a *TV Cultura*, canal 6, com equipamentos emprestados pela *TV Tupi*. A *TV Cultura* foi uma das poucas emissoras brasileiras a participar da primeira transmissão de TV em cores no país, em 1972, geradas na Festa da Uva, em Caxias do Sul, pela *TV Difusora*. Segundo uma publicação da PROPAGUE:

A *TV Cultura* recebeu um moderno transmissor Philips, com dispositivo para emissão em cores, instalado pela primeira vez no Brasil (...). O Canal 6 instalou televisores em cores, cedidos pelo comércio, em vários pontos da cidade. Florianópolis em peso mergulhou no vídeo (PROPAGUE, s.d., p.36 e 37).



Também foi a *TV Cultura* a pioneira em transmitir AO VIVO o carnaval da cidade, pois, embora tivesse uma programação pautada pelos programas da *TV Tupi* investia na valorização de assuntos locais. Embora no início da década de 60 já se utilizava no país o videotape, as emissoras de Florianópolis permaneceram até quase a década de 80 operando com filmes negativos “mudos, que exigiam horas de revelação e montagem e impediam um trabalho mais acurado de edição jornalística” (PEREIRA, 1992, pg. 76). E, em outro caso, quando do uso das fitas magnéticas, a programação ofertada pelas emissoras “cabeça de rede” chegavam até Florianópolis através do transporte rodoviário, transportadas pelas linhas interestaduais e, na maioria das vezes, com semanas de atraso, não raro danificadas pelas ações do tempo (frio, calor, umidade), vivenciadas durante o transporte (VANDELLI apud CRUZ, 1996, p.59). O que se pode depreender é que o desenvolvimento dos telejornais em Florianópolis ocorre a partir do final dos anos 70 e início dos 80, quando o mercado televisivo se encontra mais sólido e com um fluxo produtivo mais representativo no estado catarinense.

3. O Grupo RBS e o telejornal Bom Dia Santa Catarina

O Grupo Rede Brasil Sul de Comunicações é uma das maiores empresas multimídia do Brasil, atuando com as mídias tradicionais nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (onde é líder de segmento); no âmbito digital (mídia digital, tecnologia, mobile, e-commerce segmentado, etc.), por meio da e.Bricks Digital, operando com empresas digitais de referência e, ainda, na área de educação executiva com a HSM sendo a maior afiliada da Rede Globo de Televisão (RGT) no país.

A história da empresa começa em 31 de agosto de 1957, em Porto Alegre (RS), quando Mauricio Sirotsky Sobrinho se associa a Rádio Gaúcha e inicia uma proposta de cobertura regional que vai ser responsável pelo crescimento da empresa no Rio Grande do Sul. Hoje, a empresa possui nos dois estados do sul do país (RS e SC), 18 emissoras de TV aberta, duas emissoras de TV locais (TVCOM RS e TV COM SC), 24 emissoras de rádio e 8 jornais. A RBS TV em Florianópolis surgiu em 1º de maio de 1979, com a *TV Catarinense*, e logo passou a transmitir (com exclusividade) a programação da RGT



no estado⁷. Na sequência, a RBS TV ampliou sua rede com a *TV Santa Catarina*, de Joinville que virou RBS TV Joinville e depois TV Blumenau, TV Chapecó, TV Criciúma e TV Joaçaba, todas agora RBS TV. A emissora trazia modernas câmeras coloridas e ilhas de edição que mudariam a forma de fazer televisão no estado, pois ela é pioneira no modelo regional de televisão no Brasil juntamente com a RGT.

A maior rede regional de TV do País conta com uma cobertura de 98% nos dois Estados, atingindo 789 municípios e mais de 16,7 milhões de telespectadores. Com 15% da grade regional de programação, a RBS TV possui um modelo pulverizado de distribuição, o que permite que o sinal chegue com maior qualidade a todas as regiões do RS e de SC. (EMERIM, CAVENAGHI: 2012, p.04).

No dia 18 de outubro de 2008, a emissora ganha nova marca desenhada por Hans Donner para a chegada da TV digital. A RBS TV Florianópolis abriu seu sinal de TV digital no dia 5 de fevereiro de 2009 e hoje, as seguintes regiões já tem acesso ao sinal digital: Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Joinville.

3.3 O programa BOM DIA SANTA CATARINA (BDSC)

O programa *Bom Dia Santa Catarina* (BDSC) estreou em julho de 1982, sendo exibido de segunda-feira a sexta-feira, a partir das 6h, com o objetivo de estar alinhado à programação da RGT, que tinha um programa matinal, o *Bom Dia Brasil* e, nas regiões, o propósito era poder abrir um espaço para os temas locais que não eram recobertos com aprofundamento nos programas de rede. O propósito da RGT era padronizar a programação com um programa com notícias locais antes do Bom Dia Brasil. Porém, em cada região, as emissoras empregaram um modelo de produção que respondia às possibilidades técnicas, as de pessoal bem como estruturais de cada empresa. Segundo Claiton SELISTRE (2014), em entrevista aos autores, a RGT, inspirada nos modelos de produção norte-americana, montou uma grade que tinha programas referência nacional e local e, assim, os conhecidos *Good Morning* (Bom Dia)

⁷ A Rede Globo de Televisão era retransmitida pela TV Coligadas, de Blumenau – segunda emissora a ser instalada no Estado, em 1969.



e *Today* (Hoje) são títulos advindos deste modelo. Nem todas as afiliadas da RGT no Brasil conseguiram implantar os programas (por diferentes condições de estruturação) e completar esta regionalização com a valorização do local, estratégia de marketing da empresa em razão das pesquisas que apontavam uma inclinação de gosto do público para este tipo de cobertura. A RBS não só o fez (tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina) como aproveitou todos os espaços ofertados pela emissora matriz para criar os programas locais (Jornal do Almoço, RBS Notícias, etc). Segundo Roger BITENCOURT (2014), também em entrevista aos autores, o BDSC foi apresentado a partir das 6h da manhã e, depois, durante um bom tempo, exibido depois do programa da RGT Bom Dia Brasil, retornando, novamente, para o horário anterior. Para Bitencourt, “O programa nasceu para trazer, via televisão, as primeiras notícias locais do dia, além de comentários e análise dos fatos”.

Ao longo dos anos, muitos profissionais contribuíram para construir a identidade do programa em Santa Catarina desde a inserção de quadros e modelos de entrevista e/ou reportagens até mesmo as temáticas selecionadas⁸, tais como Walfrid Neto, Marcia Dutra, Valter Souza, Roberto Oliveira, Aline Bertoli, Milton Spada, Márcia Carvalho, Lisandra Nienkotter, Pedro Paulo Moreira, entre outros.

3. Relato resumido dos realizadores entrevistados

Nesse subitem propõe-se apresentar, brevemente, os relatos obtidos a partir dos depoimentos gravados com os realizadores que fazem parte da história do programa.

Nome: Claiton Selistre

Função: Diretor de Jornalismo

Período: 1988 a 2010

OBS: Foi Diretor de Jornalismo da RBS TV Florianópolis de 1988 a 2011 e, por esta condição o item Equipe, não será respondido.

Estrutura: Desde 1988, o programa manteve 30 minutos e, em 2010, passou a ter 45 minutos. Em relação à semelhança do programa com o que a empresa mantinha no Rio Grande do Sul, no início, houve conversas para a produção de um jornal semelhante.

⁸ Alguns deles foram entrevistados especificamente para este artigo, outros fazem parte do elenco de nomes a ser ainda procurados pela equipe da pesquisa O Telejornalismo em Florianópolis, que está em curso no Departamento de Jornalismo da UFSC, coordenado pela Professora Cárilda Emerim, uma das autoras deste artigo.



Depois, cada equipe e praça foram se moldando, conforme a época. Por exemplo: em SC a gente privilegiava dois apresentadores, o RS nem sempre. As artes, a previsão do tempo e as vinhetas foram sempre as mesmas. (...) Houve época, que o Bom Dia chegou a ter uma estrutura razoável, com blocos sendo produzidos nas praças do Interior. Como elas tinham que ter equipe para fazer o Bom Dia, o programa gerado de Florianópolis para todo o Estado acabava ganhando um reforço de conteúdo. No final dos anos 1990, o corte de custos eliminou o espaço local, prejudicando a amplitude do noticiário. Por outro lado, houve investimento em equipamentos para AO VIVO, Previsão do Tempo (meteorologia), etc.

Rotina produtiva: Com o tempo, o programa foi mudando seu perfil. Deixou de ser produzido por editores - chefes únicos, como Roger Bitencourt e Lisandra Nienkotter, e passou a ter editores-chefes que também apresentavam. Marcia Dutra, que era repórter, implantou no Bom Dia uma linha mais light, com atrações de variedades, que deu um *up grade* na audiência. Depois dela – e especialmente hoje, com apresentação da Adriana Krauss, passou a ser um mix – política, economia, serviço, variedades. O resultado da Márcia até agora foi um incremento de 3 a 4 pontos na audiência. O BDSC tem uma das maiores audiências do Brasil no horário por causa dessa particularidade de espelho.

Perfil Editorial/Temáticas: O Bom Dia teve vários momentos. O que encontrei na chegada foi de um telejornal bastante focado em entrevistas de estúdio, especialmente políticas. Em parte isso se devia a ausência de uma estrutura de edição e reportagem. Era mais fácil chamar pessoas para o estúdio do que produzir reportagens. Outra parte pelo perfil da direção de Jornalismo da época, somado ao fato de que a liberdade de imprensa – que havia sido limitada pelo golpe militar – começava a ser exercitada em sua plenitude. Assim, falar de temas políticos, antes proibidos, tinha muito valor. Aos poucos, com o passar do tempo, o Bom dia e os demais telejornais da RBS TV, começaram a mudar de perfil e os fatos da Assembleia Legislativa, por exemplo, que tinham destaque diário, passaram a ser mostrados na medida em que tinham interesse para a comunidade. Com o passar dos anos, pesquisas indicavam um descrédito da classe política, impactando de vez na presença cada vez menor no ar, a partir da metade dos anos 90. Porém é inegável que a abertura democrática trouxe os políticos de volta à TV e, como não havia muito espaço local no horário nobre, o BDSC servia também ao propósito de abrir espaço para quem tinha sido cerceado por tantos anos.

Formato mais empregado: Entrevistas (estúdio/externas)

*

Nome: Roger Bitencourt

Função: Editor Chefe

Período:

Equipe:

Estrutura: O Formato era muito semelhante ao Bom Dia Rio Grande (RBS TV RS), pois o padrão inicial foi dado pela RGT. Aqui havia entrada do estúdio de Brasília, com notícias do Congresso e Ministérios. O pessoal que produzia e a apresentadora (atual senadora Ana Amélia Lemos) eram os mesmos em SC e no RS.

Rotina produtiva: Na época, o programa tinha 30 minutos de produção, em 4 blocos. Um bloco local e três estaduais. Depois mudou para dois locais e dois estaduais. Um



período chegou a ter 40 minutos de produção.

Temáticas: Entre os anos de 1980 e 1990, o BDSC era um programa de *hard news*, com ênfase em economia, política e serviços. Muitas entrevistas sobre esses temas e, pouca, sobre variedades/cultura. Hoje praticamente não há espaço para a agenda política no BDSC e a economia tem pouco espaço e, quando entra na pauta, desvia para o lado mais de amenidades ou do "seu bolso", ou seja, foco mais no dia-a-dia do telespectador. No passado, os temas econômicos eram mais amplos, havia espaço para a notícia e a análise do quadro econômico. Além disso, os noticiários sobre "amenidades" ganharam mais espaço nos dias de hoje. Na minha opinião, a abertura política permitiu a criação do programa, que no início dava mais espaço para política, abrindo espaço para todas as vertentes.

Formato mais empregado: Fase: Entrevistas; Fase 2: Reportagens

*

Nome: Áureo Mafra de Moraes

Função: Apresentador (Âncora)

Período: 1989 a 1990

Equipe: Na coordenação havia um editor chefe, uma editora/redatora/produtora e dois editores/ apresentadores, câmeras, operador de áudio, diretor de imagem.

Estrutura: Como a cobertura de fatos do dia/noite anterior era deficiente, pela pequena estrutura disponível pelas restrições em termos de equipamento e tecnologia, o programa se sustentava basicamente por meio de entrevistas em estúdio – ao vivo – e entradas ao vivo. Eventualmente havia quadros gravados, mas igualmente estruturados com base em entrevistas.

Rotina produtiva: A equipe responsável pela produção do programa trabalhava no agendamento das entrevistas no dia anterior e procurava subsidiar editores/apresentadores por meio de pautas entregues no final da madrugada, horas antes do programa ir ao ar. A equipe chegava à redação em torno de 04h30min ou 05h00min, de modo a reunir as informações – e eventuais VTs – produzidas na véspera, além de receber convidados e redigir o roteiro do programa.

Curioso que, naquele período, jornalistas e técnicos iam à emissora juntos em um veículo que "recolhia" um a um, a partir das 04 horas da manhã, levando-os todos à emissora ao mesmo tempo. A equipe "completa" do programa não tinha mais do que sete ou oito profissionais envolvidos: editor chefe, produtora, apresentadores,

Temáticas: Além das notícias breves (notas peladas) sobre os acontecimentos previsíveis do dia – ou seja, um "agendão" do que estaria por acontecer – o programa tratava com muita frequência de temas da política. Assim, boa parte dos entrevistados era formada por atores políticos – prefeitos, secretários, vereadores, deputados – de modo que as pautas prendiam-se a temas relacionados ao universo da política. Havia poucas informações de serviços, cultura, esportes.

Formato mais empregado: Entrevista (em estúdio e externas).

*

Nome: Laine Valgas

Função: Editora Chefe e Apresentadora (Âncora)

Período: 2001 a 2007



Equipe: Editora Chefe, Produtora, Apresentador(a)

Estrutura: Quando comecei, em 2001, era eu sozinha, na apresentação. Depois, trouxemos o Alexandre Oliveira e, na sequência, o Pedro Paulo Moreira. O Jornal ganhou mais ritmo e também ficou mais próximo do público, por tentarmos conversar mais com o telespectador do que apresentar o Jornal. Política e economia entravam, claro, mas de maneira mais factual. O público se mostrava cansado com a antiga fórmula, de entrevistas pesadas, demoradas, que quase faziam dormir.

Rotina produtiva: A estrutura era pequena: eu mais uma produtora. No começo tínhamos um giro pelas praças, depois não mais e tínhamos que contar com o que "sobrava" das praças ou repetir o que o News dava. Difícil uma produção exclusiva pra gente. Era tirar leite de pedra mesmo....mas um tempo de muito aprendizado onde, em vez de fazer do limão uma limonada, fizemos de um limão, vários novos limoeiros! O público alvo permanece o de hoje: na época tínhamos muito também a participação do pessoal da terceira idade, que acorda mais cedo.

Temáticas: Recebi de herança da Márcia Dutra um Jornal/Programa, que saía apenas da política e ia para assuntos como saúde, educação, variedades - e seguimos nessa linha, procurando sempre o "mais humano, comportamental" e focando também em oportunidades no mercado de trabalho (criamos um quadro de bolsa de empregos, que teve uma ótima aceitação!)

Formato mais empregado: Reportagens editadas

*

Nome: Mônica Roemmler

Função: Editora Chefe

Período: 2007 a 2009

Equipe: 2 apresentadores, um produtor(a), um(a) editor(a) chefe

Estrutura: 90% das atrações ao vivo, o fato no momento, no estúdio, na sede ou nas praças, com entrevistas de duração que outros telejornais não têm; participação pontual das sucursais; linguagem conversada, descontraída, sem nada muito "picado" ou com pressa, respeitando o ritmo do telespectador que está acordando, se preparando para a rotina do dia. Foi no BDSC que a previsão meteorológica despertou o interesse do telespectador, curioso por saber o que o tempo reserva para o dia que começa e foi no BDSC que a previsão se desenvolveu com o uso de mapas, satélite e um papo mais descontraído.

Rotina produtiva: um telejornal com uma hora de duração, diferenciado dos demais pelo privilégio da atração ao vivo, a notícia fresquinha pela manhã, fosse em entrevista no estúdio em Florianópolis, ou ao vivo de algum ponto da capital e ainda nas principais cidades do Estado, onde a RBS tem emissoras (este privilegio foi cortado por custos). o primeiro bloco, por ser mais cedo, era identificado com o líder empresarial que busca a informação socio-político-partidária; era onde entrava o comentário de Ana Amélia Lemos, quase sempre ao vivo de Brasília (em algumas vezes de Porto Alegre, raras vezes gravado), com opinião sobre temas e comportamentos, além de setoristas como a Ana Amélia na política; o Giovani Martinello no esporte, por exemplo.

Temáticas: Eram definidas segundo as pesquisas, que apontavam para os primeiros dois blocos o público era composto por homens e mulheres entre 35 e 50 anos; mulheres, donas de casa, homens empresários urbanos e rurais (foco em valores da bolsa, cambio,



notícias de mercado empresarial, de trabalho, e política - comentário Ana Amélia); perto das 7h jovens se preparando para sair pra escola, com interesse em esporte, mercado profissional e novas tecnologias, mas sem ficar até o fim do jornal; no bloco final donas de casa que ficavam depois que a família já tinha saído (foco em entrevistas sobre saúde, estética, moda, comportamento e receitas). As pautas giravam em torno economia, economia doméstica, agronegócio, esporte, saúde, comportamento, serviço, receitas - também espaço único para política, com comentário diário de Ana Amélia Lemos.

Formato mais empregado: Reportagens editadas

*

Nome: Fabiana Nascimento

Função: Apresentadora, Produtora

Período: 2007 a 2012

Equipe: 2 apresentadores que eram também produtores, 1 editor chefe

Estrutura: Durante este tempo a equipe era reduzidíssima: eu e o Pedro Paulo como produtores e a editora-chefe. Repórter só pro vivo ou para algum factual a noite. Tínhamos um editor à noite que requeitava os assuntos e matérias do News.

Rotina produtiva: Investíamos nos vivos, entrevistas e quadros sempre cuidando para não ficar cansativo, mas às vezes era inevitável. Lutamos para conseguir mais gente, incluir mais esporte, que sempre deu boa audiência.

Temáticas: Falávamos de serviços, comportamento e saúde. Alguma coisa de economia e política. Nosso público era bem diversificado, em todas as faixas-etárias. Mas ficava bem identificado, nos retornos, um público fiel da terceira idade, empresários, mulheres e crianças na saída para a escola.

Formato mais empregado: Reportagens gravadas, Entrevistas ao vivo

*

Nome: Adriana Krauss

Função: Editora Chefe e Apresentadora (Âncor)

Período: 2012 (em atividade)

Equipe:

Estrutura: O jornal é dividido em quatro blocos, entra no ar entre 6h30min e 7h30min da manhã para todo o estado. O tempo médio de produção é 51 minutos. Hoje o Bom Dia só faz entrevista no estúdio quando o assunto é forte e polêmico ou nos quadros especiais como o pergunte ao Dr. ou o Direito do consumidor. Cortamos as entrevistas frias. Antes eram de 2 a 3 por dia.

Rotina produtiva: Além da redução drástica na quantidade de entrevistas, criamos quadros de assuntos de interesse do nosso público alvo: direito do consumidor (que tb é utilidade pública), pergunte ao doutor (idem), bom apetite de verão e mexa-se (ambos relacionados à saúde), etc. Também passamos a ter o Fórum do Telespectador em que ouvimos a opinião do nosso público em encontros na emissora. E passamos a valorizar mais as reportagens e as entradas ao vivo de todas as cidades onde a RBS TV tem emissora. Ampliamos ainda as participações da previsão do tempo e do quadro Trânsito 24h.

Temáticas: O foco do jornal são os assuntos de utilidade pública, serviços importantes para a população, especialmente: trânsito, tempo, saúde, transporte público, essa é a



essência do jornal, sem esquecer claro, as notícias factuais, para alcançar um público entre 30 e 100 anos.

Formato mais empregado: Reportagens gravadas, entrevistas de estúdio

4. Referências

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- AMORIM, Maristela. **Os Primeiros Tempos da Televisão em Florianópolis: A TV Florianópolis**. 1984. Não paginado. Monografia - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BARBOSA, Ana Paula Goulart RIBEIRO; Marialva Carlos (orgs.). **Comunicação e História: partilhas teóricas**. Florianópolis: Insular, 2011.
- BERGESCH, Walmor. **Os televisionários**. Porto Alegre: Ardotempo, 2010.
- CAPARELLI, S. **Ditaduras e indústrias culturais no Brasil, na Argentina, no Chile e no Uruguai**. Porto Alegre: UFRGS, 1989.
- CAPARELLI, Sergio et all. **Enfim, sós: a nova televisão no Cone Sul**. Porto Alegre: L&PM/ CNPQ, 1999.
- COUTINHO, Iluska. *Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento*. In: **A Sociedade do Telejornalismo**. Org. Alfredo Vizeu. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CRUZ, Dulce Márcia. **Televisão e Negócio: a RBS em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.
- EMERIM, Cárilda (org.). **Telejornalismo e pesquisa: resultados e experiências**. Novo Hamburgo: Ed. FEEVALE, 2011.
- _____; ALVES, Stefany. *Breve história do formato do programa Jornal do Almoço no RS e em SC*. In: ANAIS do 4º ENCONTRO DO NÚCLEO GAUCHO DE HISTÓRIA DA MÍDIA. São Borja: UNIPAMPA, 2012.
- _____; CAVENAGHI, Beatriz. *Os primeiros vinte anos das emissoras de TV em Santa Catarina*. In: ANAIS do 4º ENCONTRO DO NÚCLEO GAUCHO DE HISTÓRIA DA MÍDIA. São Borja: UNIPAMPA, 2012.
- LIMA, Fernando Barbosa; MACHADO, Arlindo; PRIOLLI, Gabriel. **Os anos de autoritarismo: Televisão & Vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- LOPES, M^a. Immacolata V. de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2010.
- MARCO, Benhur de. **O controle da mídia: elites e a radiodifusão em Santa Catarina**. 1991. 140f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MATTOS, Sérgio Ferreira de. **TV Barriga Verde de Florianópolis: estudo de caso do período 1984/1987**. 1992. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MATTOS, Sérgio. **História da Televisão no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PEREIRA, Moacir. **Imprensa e Poder: a comunicação em Santa Catarina**. Florianópolis, Lunardelli, 1992.
- _____. **A comunicação em Santa Catarina: Ensino, profissão e modernização**. Florianópolis: Insular, 2012.
- PROPAGUE. **Propague: 25 anos de historia da propaganda de Santa Catarina**. [S.l.: s.n.], [s.d].



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010.

SCARDUELLI, Paulo. **Network de Bombacha: os segredos da TV regional da RBS**. 1996. 143f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHIRMER, Lauro. **RBS: da voz-do-poste à multimídia**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SEVERO, Antunes; GOMES, Marco Aurélio. **Memória da Radiodifusão Catarinense**. Florianópolis: Insular, 2009.